

T5 203
Peças teatrais - o melhor do teatro

O melhor do teatro

PESQUISA DE EDVALDO DOS ANJOS

À primeira peça apresentada no Teatro Carlos Gomes este ano foi **Mumu** ou **A Vaca Metafísica**, e isto em fins de março, porque em janeiro o Teatro fica anualmente fechado para as férias dos empregados e, em fevereiro, não houve nenhuma atividade teatral. **Mumu** é uma comédia de Marcellio Moraes, premiada no Concurso de Dramaturgia do Serviço Nacional de Teatro em 1974. A direção era de Flávio Rangel, que já montou outras peças apresentadas em Vitória. O elenco reunia Oswaldo Louzada (Prêmio Molière de 1973), Ida Gomes (atriz da TV Globo, que por isso mesmo atraiu muita gente ao Carlos Gomes), Júlia Miranda e Paulo Leite. Os cenários eram de Gianni Ratto, que em agosto virá a esta cidade para dar um curso de cenografia.

O autor definia **Mumu** como uma tragicomédia. Mas o diretor Flávio Rangel achava que isso não diz tudo. "Pode-se classificá-la dentro de um gênero, se bem que do ponto de vista artístico, o que mais me tenha prendido a peça seja o perfeito equilíbrio entre o teatro realista e o teatro de absurdo, pois **Mumu** é uma peça sobre a aceitação, a aceitação do conservadorismo, a aceitação da frase feita e do lugar-comum, da idéia velha opondo-se à idéia nova, a aceitação de levar-se uma vida próxima à do quieto desespero, e a impotência de modificá-la, modificando assim o **status quo**. Os personagens de **Mumu** são a argila da qual se extrai o edifício das sociedades estáticas, são usados e manipulados e são imediatamente reprimidos, se ousam levantar a cabeça para contemplar o céu da manhã, e fecham a janela para impedir o sol entrar". Para o autor, Marcellio Moraes, **Mumu** "é uma reflexão sobre o comportamento do que acho que seja a classe-média padrão brasileira".

O **Diário de um Louco**, monólogo do russo Nikolai Gogol (**O Inspetor Geral**) foi apresentado no início de abril no Carlos Gomes, numa montagem dirigida por Zé Maria Rodrigues, com interpretação de Regis Rodrigo e promoção do Diretório Acadêmico Dido Fontes, da Faculdade de Engenharia. O texto foi adaptado por Rubem Rocha Filho. A montagem não teve nem metade da repercussão da de Ivan Albuquerque, realizada no Rio em 1966, que obteve sucesso de crítica e recebeu prêmios, com atuação de Rubens Correa.

O **Diário de um Louco** conta em mais de duas horas a história de um funcionário russo que, na tentativa de fugir às humilhações, termina em plena loucura. O espetáculo passou em Vitória completamente despercebido e teve pouquíssima promoção.

A estréia de **Anchieta: Um Depoimento** ocorreu no dia 23 de abril sob alguma expectativa. Além de ser um espetáculo feito por capixabas, tinha a vantagem de tratar de um personagem muito ligado à história do Espírito Santo. Paulo de Paula acabava de retornar ao Estado depois de muitos anos nos Estados Unidos e passara vários meses pesquisando sobre Anchieta. Além do autor da peça, ele era o diretor e também atuava, fazendo o próprio Anchieta. Os demais nomes do elenco: Carlos Roberto de Paula (narrador, Diogo, inquisidor, índio), Branca Santos Neves (d. Luiza, Verônica), Joelson Fernandes (Bolés, capitão, narrador 2, queixoso), Alcione Dias (Cunha-Bebe, Anhangá, Aia, Rainha). Máscaras de Kleber Galveas, figurinos de Branca Santos Neves. **Anchieta: Um Depoimento** (Máscara) **Máscara Lopes (Verônica)**

Dizia Paulo de Paula: "**Anchieta: Um Depoimento** é uma experiência em aliar aspectos do teatro anchietano ao teatro atual. É uma volta às raízes, pois foi aqui que o padre José de Anchieta escreveu grande número de suas peças, encenando-as em frente às igrejas, nas ruas e nas praias, utilizando-se também dos elementos indígenas — sua música, sua crença, seus símbolos culturais, especialmente aqueles que se identificam com a sua pré-dica — a luta entre o bem e o mal".

Originalmente, a peça fora escrita para ser apresentada no dia 19 de março — aniversário de nascimento do padre José de Anchieta — em frente à igreja da Barra do Jucu. Com 60 minutos de duração, foi montada em pequenas cenas, algumas sem ligação entre si, todas discutindo aspectos da personalidade de padre José de Anchieta.

Apresentada a partir do dia 21 de maio, **Cancão de Fogo**, foi o maior sucesso do primeiro semestre de 1976 em Vitória, entre as peças teatrais importadas. Escrita por Jairo Lima, dirigida por Luís



A Ufes reuniu os estudantes e realizou uma mostra que fez sucesso



Cancão de Fogo: líricas manifestações folclóricas nordestinas



Paulo de Paula, autor-diretor-intérprete, e seu filho Bob em Anchieta



Fanny: uma agradável surpresa para o nosso teatro, em Um Tango Argentino



Branca Santos Neves participou de Anchieta: Um Depoimento

Mendonça (o mesmo de **Viva o Cordão Encarnado**), com cenários de Gianni Ratto, música de Alceu Valença, o espetáculo tinha no elenco (ótimo) Elba Ramalho, Angela Falcão, Edna Tossat, Tonico Pereira, Rui Rezende (das novelas da Globo), Hélio Guerra, Silvio Froés, Marcos Borges, Albee Amos, Luís Mendonça e Luís Carlos Nino.

Cancão de Fogo é baseado na literatura de cordel do Ceará e prossegue as experiências tentadas por Luís Mendonça em **Viva o Cordão Encarnado**, na qual ele conseguiu grande sucesso em 1975 ao levar o deboche às últimas consequências, fazendo um espetáculo muito colorido e que colocava em cenas as mais líricas manifestações folclóricas do povo nordestino. Fora uma das poucas vezes em que a malícia, a grossura e a música andaram de mãos dadas no teatro brasileiro.

Cancão de Fogo pretendia aprofundar esta concepção — algumas coreografias chegam mesmo a homenagear o espetáculo anterior, com lembranças do teatro de revista. Baseando-se na técnica da literatura de cordel — falas rimadas, levemente rítmicas, também com muita malícia e eventualmente grossura — a peça conta a

história de um casal irreversível de ladrões, mãe e filho, num fio de história que os coloca usurpando a riqueza de um coronel traído. O bom humor, a excelente qualidade musical, conduziu o espetáculo a uma sempre crescente beleza, despertando no espectador o senso lúdico.

Na mesma época de **Cancão de Fogo**, foi apresentada no Carlos Gomes a peça infantil **O Casamento da Estrela** com o **Raio Acabou em Forro no Céu**, de Flávio Peixoto (também o diretor), o mesmo que apresentou recentemente "E Ai vem o Circo. O Casamento da Estrela" — tinha no elenco Luís Washington, Laura Tati, Desirée, Vânia Nascif. A montagem era do Teatro Móvel de Paschoal Carlos Magno.

A Mostra de Teatro da Ufes foi um grande sucesso de público comprovando ser uma promoção válida. Mas deve-se lembrar também que foi beneficiada pelo grande paternalismo que domina o público de teatro em Vitória, que raramente prestigia as promoções locais, principalmente as de música. A mostra começou no dia 1º de junho e apresentou **As Interferências**, de Maria Clara Machado, pelo Diretório Acadêmico do Centro Biomédico, com direção de Antônio Claudino de Jesus; **A Infidelidade ao Alcance de Todos**, de Laura César Murtiz,

considerada a mais fraca da mostra, pelo Diretório Acadêmico José Leão Nunes, com direção de Marcelo Correa; **Guernica**, de Fernando Arrabal, pelo Diretório Acadêmico Dido Fontes, com direção de José Augusto Gava; **Um Tango Argentino**, de Maria Clara, o maior sucesso de público e crítica, pelo Diretório Acadêmico José Leão Nunes, com direção de Renato Saudino; **Auto da Compadecida**, de Ariano Suassuna, pelo Diretório Acadêmico Heráclito Amâncio Pereira, com direção de José Luís Gobbi; e **O Urso**, de Anton Tchecov, pelo Diretório Acadêmico Carlos Cavalcanti, com direção de José Guilherme Alves.

A crítica capixaba fez restrições ao nível artístico da Mostra da Ufes, mas destacou revelações como Robson Fagundes, intérprete de Chico em **Auto da Compadecida** e, principalmente, a equipe da peça **Um Tango Argentino**, além da atriz Fanny Bittencourt, "um raro exemplo de sensibilidade em nossos palcos". A GAZETA fez premiações: melhor peça — **Um Tango Argentino**; melhor direção — Renato Saudino, por **Um Tango Argentino**; melhor ator — Renato Saudino, por **Um Tango Argentino**; e Robson Fagundes da Silva, por **O Auto da Compadecida**; melhor atriz

— Fanny Bittencourt, por **Um Tango Argentino**; melhor cenografia — Paulo César Henrique Jevaux, por **O Urso**.

O último espetáculo teatral do primeiro semestre de 1976 foi capixaba: **Alinhavo**, realização de Antonio Carlos Neves, atual diretor do Teatro-Estúdio da Fundação Cultural e que em novembro passado montara **O Inspetor Geral**, de Gogol, no Carlos Gomes. A peça estreou no dia 10 de junho e reunia trechos de poesias de diversos autores estrangeiros e brasileiros, como Truman Capote e Carlos Drummond de Andrade, interpretadas por Carlos Roberto, José Augusto Loureiro, Alcides Vasconcelos, Mariângela Pellerano, Antônio Rosa, Vitorina Gonçalves e Moacir Júnior. Roberto Rocha era assistente de direção. A iluminação de Décio Lourenço. Alguns dos atores também cantavam durante a peça.

Alinhavo foi um fracasso de público. Antônio Carlos Neves desperdiçou sua aplicada pesquisa literária com uma montagem que não transmitia emoção, não atraía a atenção do espectador, com exceção de poucos momentos e levava o trabalho esforçado de seis atores à posição mais desestimulante que pode haver em teatro: o desprezo do público.